

## A narrativa de Adrian Gomes: ginasta que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres sem competir

The narrative of Adrian Gomes: gymnast who was at the London Olympics without competing

**Natália Bender**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil

**Luiz Carlos Rigo**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Ginástica e Saúde, Pelotas/RS, Brasil

**Vivian Alt**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil

**Silvana Vilodre Goellner**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil  
vilodre@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a participação de Adrian Gomes na seleção brasileira de ginástica artística, mais especificamente, sua presença nos Jogos Olímpicos de Londres. Com base no aporte teórico-metodológico da História Oral, realizamos entrevistas com a atleta e com pessoas que acompanharam de perto diversas etapas da sua carreira, como sua mãe, seu marido, dois de seus treinadores e uma treinadora. Essas entrevistas foram cotejadas com outras fontes, como materiais de seu acervo pessoal, reportagens e produções acadêmicas. Da análise, emergiram dois temas: a preparação para os Jogos Olímpicos e a impossibilidade de competir. A partir da narrativa da ginasta, foi possível identificar o longo e árduo caminho que percorreu para chegar à seleção brasileira, o orgulho de representar o país em várias competições e a frustração por lesionar-se às vésperas da prova olímpica para a qual estava inscrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Ginástica; História Oral; Atleta.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze Adrian Gomes' participation in the Brazilian artistic gymnastics team, particularly her presence at the London Olympic Games. Supported by the theoretical-methodological contribution of Oral History, we conducted interviews with the athlete and people who closely followed different stages of her career, such as her mother, her husband, two of her male coaches and a female coach. The interviews were compared to other sources, such as materials from her personal collection, reports, and academic texts. Two topics emerged from the analysis: the preparation for the Olympic Games and the impossibility of competing. From the gymnast's narrative, it was possible to identify the long and arduous path she took to reach the Brazilian team, the pride of representing the country in several competitions and the frustration of being injured on the eve of the Olympic competition for which she was registered.

**KEYWORDS:** Olympic Games; Gymnastics; Oral History; Athlete.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2021 foi muito significativo para a ginástica nacional: nos Jogos Olímpicos de Tóquio, Rebeca Andrade levou o nome do Brasil ao lugar mais alto do pódio tornando-se a primeira campeã olímpica da modalidade e a primeira a conquistar duas medalhas em uma mesma competição. Seus feitos ampliaram-se em 2024 ao ganhar quatro medalhas nos Jogos Olímpicos de Paris, o que a alçou ao topo do esporte brasileiro por ser a atleta, entre homens e mulheres, que soma o maior número de medalhas olímpicas. Sua conquista resulta do esmero de uma atleta que encontrou no esporte um espaço de sociabilidade, prazer e empoderamento, cuja trajetória se assemelha a outras mulheres que dedicaram parte de suas vidas à ginástica artística e ao sonho de conquistar uma medalha olímpica. Ao comentar esse feito, Rebeca destaca que sua vitória é individual e também coletiva porque, antes dela, muitas meninas e mulheres se dedicaram a esta modalidade esportiva e abriram os caminhos para que ela pudesse chegar aonde chegou: “Todas as pessoas que já passaram pela ginástica feminina do Brasil se veem aqui nessa medalha, estão se sentindo orgulhosas de mim e fazendo parte dessa história. Estou só continuando, dando mais um passo na nossa geração”.<sup>1</sup>

A gaúcha Adrian Geovana Nunes Gomes é uma delas. Sua passagem pela ginástica artística é permeada por várias conquistas e por uma grande frustração: durante uma sessão de treinamento em Londres, quarenta e oito horas antes de competir nos Jogos Olímpicos de 2012, sofreu uma lesão na coluna lombar, sendo imediatamente afastada da seleção e substituída por outra atleta. Tal incidente marcou sua história de forma indelével, seja porque não disputou as provas para as quais havia arduamente se preparado, seja porque sua trajetória não figura em vários dos espaços que registram a história do esporte olímpico brasileiro. O fato de não ter disputado as provas parece ter lhe usurpado a condição de atleta olímpica e, de certo modo, a jogado no ostracismo e no esquecimento.

Considerando esse contexto, ao analisar aspectos relacionados aos Jogos Olímpicos pela perspectiva das Humanidades, julgamos necessário olhar para a trajetória de atletas que não alçaram a fama, cujas histórias vivem ofuscadas pelo brilho

---

<sup>1</sup> MEIRELES. Conheça a emocionante história de Rebeca Andrade, p. 4.

de quem conquistou as tão almejadas medalhas. Nesse sentido, corroboramos Goellner e Macedo quando registram que visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem do que é identificado como oficial “poderá promover a construção de outras histórias, evidenciando, assim, a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno de áreas específicas”.<sup>2</sup>

Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, este artigo tem como objetivo analisar a participação de Adrian Gomes na seleção brasileira de ginástica artística, mais especificamente sua presença nos Jogos Olímpicos de Londres. Partimos do entendimento de que tal perspectiva “

[...] permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas.<sup>3</sup>

Os caminhos percorridos por Adrian Gomes se assemelham aos de muitos/as atletas que, impulsionados pelo sonho olímpico, superam inúmeros desafios para buscar a excelência dentro do esporte de alto rendimento. Além daqueles inerentes ao contexto esportivo, ela enfrentou vários outros por ser uma menina negra, oriunda de uma família humilde que residia em um bairro periférico da cidade de Porto Alegre, no sul do país. Nascida no dia 5 de abril de 1990, é a mais velha entre os três filhos de uma empregada doméstica e de um funcionário de um jornal da capital gaúcha. Sua inserção na ginástica se deu por meio da escola pública, cujo talento foi percebido por sua professora que a convidou para integrar a equipe de ginástica mantida por um centro de treinamento financiado por políticas públicas. Seus pais a autorizaram a participar desse projeto, conferindo suporte emocional e, dentro de suas possibilidades, o custeio de parte das despesas relacionadas às competições e à rotina de treinos. Em 1998, com oito anos, participou de uma competição e, em função de sua performance, foi convidada para realizar um teste para frequentar a escolinha do Grêmio Náutico União, um clube de referência no trabalho com a ginástica. A partir desse momento, sua trajetória alçou outros voos e, em 2005, com catorze

---

<sup>2</sup> MACEDO; GOELLNER. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil, p. 163.

<sup>3</sup> PATAI. *História Oral, feminismo e política*, p. 124.

anos, foi convocada para a seleção brasileira de ginástica que treinava na cidade de Curitiba, no Paraná. Detentora de vários títulos nacionais e internacionais, entre convocações e cortes, Adrian representou o Brasil em várias competições: em 2009, foi a quarta colocada na trave na Copa do Mundo de Ginástica (Bélgica), disputou o Campeonato Mundial de Ginástica Artística (Holanda, 2010), foi campeã no individual geral do Campeonato Sul-Americano de Ginástica (Chile, 2011), conquistou o 5º lugar por equipes e o 12º no individual geral nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara em 2011. No ano de realização dos Jogos Olímpicos de Londres, Adrian confirmou seus bons resultados com a conquista da medalha de ouro na categoria individual geral, medalha de prata por equipes na trave, e campeã por aparelho no salto no I Meeting Internacional de Ginástica Artística realizado em Natal, no Rio Grande do Norte. Participou da Copa do Mundo em Tóquio, do Campeonato Sul-Americano sediado na Argentina, onde conquistou seis medalhas (quatro de ouro, uma de prata e uma de bronze) e do Campeonato Pan-Americano de Ginástica que aconteceu em Medellin, na Colômbia, onde se tornou medalhista de prata e de bronze.<sup>4</sup> Os resultados que alcançou nestes eventos aumentaram seu desejo de integrar a equipe olímpica e, para tanto, se dedicou aos treinos com afinco e disposição. “Sei que eu já estava convocada antes de sair os treinos no Rio de Janeiro, isso, se não me engano, aconteceu dois, três meses antes dos Jogos. Certa para os Jogos era eu e outra menina, o resto era dúvida”.<sup>5</sup>

Munida de autoconfiança, Adrian viajou para Londres certa de que representaria seu país no maior evento esportivo do planeta. No entanto, não foi bem assim, e seu retorno foi muito mais triste e desolador do que, em seu maior pesadelo, poderia imaginar.

## CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A pesquisa está fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Oral,<sup>6</sup> visto que “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.<sup>7</sup> Partimos do

<sup>4</sup> BENDER. *A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*, 2018.

<sup>5</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 5.

<sup>6</sup> AMADO; FERREIRA. *Usos & abusos da história oral*, 1998.

<sup>7</sup> ALBERTI. *Fontes históricas*, p. 155.

pressuposto de que a narrativa de Adrian Gomes contribui para preencher algumas lacunas que a história oficial da ginástica deixou no esquecimento, mesmo cientes de que suas palavras não representam ‘a verdade’, mas uma versão que é produzida e conformada pela sua visão de mundo e experiências que vivenciou.<sup>8</sup> Ao recorrermos às entrevistas como fonte de pesquisa, referenciamos Daphne Patai, quando afirma que “alguém repensa os acontecimentos da vida de alguém de modo que eles façam sentido”.<sup>9</sup> Essa perspectiva conduziu nossa intenção de reconstruir parte da trajetória esportiva de Adrian, tendo a oralidade como fonte. Entendemos que

[...] o esporte olímpico, assim como outros fenômenos humanos, apresenta marcas de um fato que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista do espetáculo ele é, tanto o herói de seu tempo, como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira.<sup>10</sup>

Para a construção deste texto, foram realizadas duas entrevistas com Adrian. Na primeira, abordamos temas relacionados com sua iniciação na ginástica, o apoio dos familiares, as primeiras competições e sua trajetória até chegar à seleção. A segunda teve como foco os treinamentos junto à equipe brasileira, as competições internacionais, os Jogos Olímpicos de Londres e o abandono da ginástica artística. Além da atleta, entrevistamos sua mãe, Vera Lúcia Nunes Gomes, e o marido da ginasta, Lucas Barreto Neves, pessoas que acompanharam de perto diversas etapas da sua carreira. Também foram entrevistados João Carlos Oliva, Presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, Sérgio Stringhini e Lisiane Lewis Bergue, treinadores da atleta no Núcleo de Base do Alto Rendimento na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde Adrian treinou durante três anos, mais especificamente entre 2005 e 2008. Além dessas entrevistas, tivemos a oportunidade de acessar o acervo pessoal da atleta, composto por 28 crachás de identificação e credenciais de competições, 20 certificados, 80 medalhas, uma pasta com recortes de jornais e duas revistas. Esse material foi preservado por sua mãe, que teve a gentileza de nos emprestar e permitir que utilizássemos conforme os objetivos da

---

<sup>8</sup> PESAVENTO. *História e História Cultural*, 2004.

<sup>9</sup> PATAI. *História Oral, feminismo e política*, p. 42-43.

<sup>10</sup> RÚBIO. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*, p. 14.

pesquisa. As entrevistas e os itens do acervo foram cotejados com fontes de naturezas distintas, tais como reportagens, entrevistas, produções acadêmicas e documentos institucionais com o intuito de “evitar unanimidades ou dicotomizações na forma de interpretar nossa história”.<sup>11</sup>

Do entrecruzamento dessas fontes, emergiram dois temas: a preparação para os Jogos Olímpicos de Londres e a frustração decorrente do corte e da sua substituição.

### **UMA GAÚCHA NA SELEÇÃO BRASILEIRA**

A primeira convocação de Adrian Gomes aconteceu em 2005, quando completava sete anos de treinamento junto ao Grêmio Náutico União que, em seu boletim informativo, registra:

A atleta de apenas 14 anos viajou em fevereiro para Curitiba, onde passou pela análise da comissão da Confederação Brasileira de Ginástica Olímpica (CBG) que reuniu 35 meninas. Foram três longos dias de testes físicos, técnicos e médicos, onde as atletas tiveram que demonstrar seu melhor desempenho.<sup>12</sup>

O afastamento da família foi uma das dificuldades com que teve que lidar na época, inclusive porque a comunicação se dava apenas por ligação telefônica, e estas não eram baratas. Diferente das meninas que moravam em Curitiba, inicialmente Adrian ficava hospedada em um hotel, na maioria das vezes, sozinha, até que se mudou para uma casa onde a seleção ficou alojada. Além disso, não estava acostumada a uma série de exigências que o processo de treinamento demandava:

Foi uma época bem sofrida para mim, porque era uma coisa muito regradada e eu não estava preparada psicologicamente, fisicamente eu estava, mas psicologicamente não, eu acho que eu era muito pequena. Eu me lembro que a gente não podia comer muito, a gente tomava bastante laxante. Eu lembro que se a gente engordava um pouquinho tinha que fazer força dobrado. A gente treinava muito, de verdade, a gente não podia sair da casa que a gente tinha. E só assim. Ao mesmo tempo em que era sofrido, eu gostava de treinar lá.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> MELO. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica, p. 44.

<sup>12</sup> GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Ginasta unionista é selecionada para a Seleção Brasileira de Ginástica Olímpica, s.p.

<sup>13</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 3.

Em 1999, a Confederação Brasileira de Ginástica Olímpica, com o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Olímpico Internacional, iniciou um trabalho envolvendo dois ciclos olímpicos (2004 a 2008). Quando Adrian chegou a Curitiba para participar da seleção permanente, cujo objetivo era qualificar atletas para campeonatos internacionais, a comissão técnica era formada por três ucranianos: Oleg Ostapenko, Iryna Ilyashenko e Nadia Ostapenko.<sup>14</sup> Foi um período bastante intenso e focado, o que propiciou uma impressionante repercussão nacional e internacional para a ginástica artística brasileira. O trabalho realizado surtiu resultados e as primeiras conquistas começaram a acontecer a partir de 2003, quando o Brasil ficou classificado “em oitavo lugar entre as 12 equipes (países) que conquistaram o direito de levar uma equipe para os Jogos Olímpicos”.<sup>15</sup>

Na esteira dessa conquista vieram outras, e os treinamentos passaram a ser ainda mais rigorosos. Adrian não conseguiu se adaptar às determinações, e alguns meses depois de convocada, foi dispensada da seleção. Em 2010, ao ser novamente convocada, a atleta concedeu uma entrevista para a UOL Esportes e nela menciona aspectos relacionados a sua primeira passagem por Curitiba:

Eu saí da seleção por infantilidade, imaturidade e um pouco de indisciplina também. Tinha 14 anos, era muito maria-vai-com-as-outras, aí acabei saindo, até pelo peso também, que eu sempre tive problema para controlar. [...] Agora eu sempre penso no lado profissional. Antes fazia tudo muito na brincadeira. Hoje aprendi que sempre tenho que fazer meu máximo e nunca deixar para depois.<sup>16</sup>

Compor a seleção nacional figura no plano de muitas ginastas, no entanto, são pouquíssimas as que ascendem a este posto. Isso, de certa forma, provocava competições e atritos entre as atletas, o que para Adrian era algo que não sabia como lidar:

Eu nunca consegui, eu nunca soube disfarçar: “Ah, se eu não gosto de ti eu não gosto de ti”. Eu não vou falar o básico, o necessário e deu, não vou te tratar mal, óbvio, mas tinha gente lá que não conseguia fazer isso. E dos técnicos é a mesma coisa, sempre foi assim. [...] Eu lembro que tinha uma que não gostava de mim em 2005. Em 2010, eu já não sei se ela gostava ou se ela me aturava,

---

<sup>14</sup> NUNOMURA; OLIVEIRA. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros, 2012.

<sup>15</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)*, p. 38.

<sup>16</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.



mas eu lembro que ela veio e falou que ela gostava de mim, que eu tinha mudado muito, que eu era outra pessoa, que não era a mesma de 2005.<sup>17</sup>

Ao consultar matérias que circularam na mídia, identificamos que um dos principais motivos para a dispensa, além da indisciplina, foi o aumento de seu peso corporal,<sup>18</sup> fantasma que assombra a rotina de uma ginasta. Segundo o Presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, “Isso é geral a todas, não é só ela. A ginasta não pode estar nem acima nem abaixo do peso, porque perde rendimento. Isso é comum a todos os esportes”.<sup>19</sup> Ao analisar as trajetórias de ginastas participantes do Jogos Olímpicos no período de 1980 a 2004, Schiavon destaca: “Quanto mais aumenta seu peso, relativamente ela fica mais fraca, pois está realizando o mesmo movimento com o mesmo condicionamento de antes, porém, mais pesada. As ginastas precisam ser fortes e leves, características de ginastas do mundo todo”.<sup>20</sup>

Sobre esse episódio, Vera, a mãe de Adrian, tece o seguinte comentário:

Quando ela foi para a seleção, teve um período que começou a engordar. Ela queria comer as coisas e não podia; quando foi para lá, era muito controlado, alimentação e horário de treino também. Foi bem pesado e resolveram mandar ela embora em função de peso, que ela comia escondido com as colegas, mas como ela recém estava chegando lá, tudo cai no mais fraco... Elas comiam escondido e quando achavam era sempre a Adrian a culpada. Isso foi ela que me falou, porque eu não estava lá.<sup>21</sup>

Quando foi suspensa, Adrian tinha o convite para treinar em um clube sediado na cidade de Guarulhos, São Paulo, no entanto, em função de um contrato, o Grêmio Náutico União não permitiu essa transferência. Completamente desmotivada com sua carreira, a atleta voltou para o Rio Grande do Sul, abandonou a ginástica e o clube. Lisiane Bergue, uma das treinadoras que a acompanhou no Núcleo de Base da Ginástica da UFRGS, menciona que a desconvocação de Adrian foi bastante influenciada pela questão emocional: “Eu sei que ela era muito jovem, as meninas iam muito novinhas para lá, então não tinham uma estrutura psicológica muito boa, não

---

<sup>17</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 7.

<sup>18</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, 2010.

<sup>19</sup> OLIVA. Depoimento de João Carlos Oliva, p. 6.

<sup>20</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, p. 86.

<sup>21</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 3.



tinham um apoio psicológico muito bom e ela acabou não dando certo lá.<sup>22</sup> Em sua entrevista, Vera relata:

E um belo dia nos ligaram e disseram, para os pais, ligaram para nós: “Estamos mandando a Adrian embora em função de peso e de outras coisas”, que eu não me lembro agora o que aconteceu por lá. Ela usava telefone também, acho que ela tinha um namoradinho, não me recordo. E foi isso então, essa parte foi a mais chata para nós.<sup>23</sup>

Ainda que não saibamos o que aconteceu na sua primeira convocação, interessa referir que o curto período de cinco meses no qual Adrian integrou a seleção pode ser considerado um divisor na sua vida esportiva, visto que marcou profundamente a relação dela com a ginástica, cujos treinos abandonou por completo. Seu pai, Giovane Nunes, mesmo percebendo a desmotivação da filha, insistiu para que ela continuasse. Na ocasião, procurou Sérgio Stringhini, técnico do Núcleo de Base, solicitando que a aceitassem na equipe com a qual permaneceu por três anos, chegando, inclusive, a participar de seletivas para a seleção. Relembra Sérgio:

Ela tinha um pouco de problema de peso e isso foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho a carreira, porque ela não conseguia se controlar muito... Não que ela fosse muito pesada, mas não entrava nos padrões brasileiros de quem comandava a ginástica no Brasil. Então, quando eu ia levar ela para uma seletiva, o pessoal que comandava a seleção brasileira sempre reclamava e olhava para ela meio torto.<sup>24</sup>

Nas entrevistas que realizamos, tanto o treinador quanto a sua auxiliar ressaltam que Adrian, além de ser uma pessoa de fácil comunicação, possuía uma excelente qualidade técnica:

Eu posso dizer que ela sempre foi uma ótima atleta, eu gostei muito de ser treinador dela, gostei muito mesmo. Ela era muito forte, muito explosiva, muito flexível, tinha uma postura muito boa, uma coordenação motora muito boa, fazia as coisas que eu pedia. [...] Ela treinou eu acho que uns três ou quatro anos comigo e aprendeu muita coisa e, mesmo o pessoal da comissão técnica do Brasil ficando meio assim quando eu levava ela para campeonato nacional porque normalmente ela ficava entre as seis primeiras na categoria adulta.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> BERGUE. Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue, p. 4.

<sup>23</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 4.

<sup>24</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 5.

<sup>25</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 5.

Lisiane enfatiza o quanto ela era disciplinada nos treinos. “Tudo que a gente propôs para ela, ela fazia, era fantástica para trabalhar. Era mais velha, a líder, então, as gurias respeitavam muito ela, não tinha grandes problemas, ela ajudava bastante.”<sup>26</sup>

Durante o período em que esteve no Núcleo, Adrian rompeu o tendão de Aquiles por duas vezes e teve que recorrer a mais de uma cirurgia, cujos gastos foram cobertos pelo seu plano de saúde.

Ela teve que fazer cirurgia para religar o tendão, só que ocorreu até um certo problema porque, na verdade, foi uma cirurgia que não foi bem executada, porque religaram, mas não fizeram um reforço suficiente para aquilo que ela precisava, simplesmente costuraram e acharam que aquilo ali ia aguentar. [...] Quando ela voltou a treinar não teve dúvida, rompeu de novo, aí fez um enxerto, ele pegou um pedaço, se eu não me engano da panturrilha, um pedaço do músculo, e botou como um reforço no tendão de Aquiles e fez a cirurgia.<sup>27</sup>

Já desmotivada pelas lesões consecutivas e com a falta de perspectivas em relação a sua trajetória esportiva, decidiu novamente abandonar o esporte:

Operei o pé no fim de 2007, quando rompi o tendão. Tentei voltar, mas rompi de novo no começo de 2008. Fiz todo o tratamento de novo. Aí em 2009, tentei fazer seletiva para a seleção, mas chegando lá disseram que não valia a pena, porque eu ainda não conseguia fazer tudo. Então desisti, achei que não dava mais, até porque o pé doía muito e eu achava que o esforço não seria recompensado.<sup>28</sup>

Quando tomou essa decisão, Adrian tinha 18 anos. Com mais tempo para os estudos, voltou para a escola com o objetivo de concluir o Ensino Médio e começou a trabalhar em uma cafeteria: “eu fui porque tinha que fazer alguma coisa da vida, eu não podia ficar parada em casa”.<sup>29</sup> No entanto, um convite de Adriana Alves, treinadora da equipe de ginástica do seu antigo clube, o Grêmio Náutico União, fez com que voltasse novamente às arenas esportivas. “Eu precisava completar a equipe para o Campeonato Brasileiro, aí eu a convidei para voltar. O intuito era só competir no Brasileiro, mas ela acabou ficando, foi melhorando, e as perspectivas mudaram”.<sup>30</sup> Esse pedido revela um aspecto comum da ginástica brasileira: o baixo número de

---

<sup>26</sup> BERGUE. Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue, p. 6.

<sup>27</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 6.

<sup>28</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

<sup>29</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 5.

<sup>30</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

ginastas capacitadas para o alto rendimento, situação que reflete a deficiência na formação de profissionais qualificados para formar ginastas.<sup>31</sup>

Adrian retomou os treinamentos e foi acompanhada por um psicólogo e uma nutricionista, cujo apoio qualificou seu desempenho fazendo com que, no início de 2010, fosse novamente convocada para representar o Brasil em competições internacionais. Em uma de suas entrevistas, assim rememora esse período:

Na verdade, é tudo uma questão política. A seleção é uma questão política, as vezes tu não precisa ser boa, mas se tu for gorda no padrão deles tu não entra. E quando eu fui para o União, nesse um ano, de 2009 a 2010, eu emagreci muito, ganhei muita massa muscular e melhorei bastante também.<sup>32</sup>

Quando retomou os treinos, no ano de 2009, Adrian estava em ótima condição física e logo começou a se destacar nas competições que participou. Seu bom desempenho culminou com uma nova convocação para a seleção, acontecimento celebrado pela imprensa gaúcha, conforme registra a matéria “Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes”, publicada no Jornal Correio do Povo no dia 22 de setembro de 2010:

Mais volta por cima, só se daqui dois anos Adrian Gomes voltar de Londres com uma medalha olímpica no peito. Por hora, o que poderia parecer corriqueiro para outros atletas, para a ginasta gaúcha de 20 anos, tem um significado especial. Ao ser convocada para o Mundial da Holanda, a atleta do Grêmio Náutico União (GNU) tem confirmada a condição de que voltou com força às competições.<sup>33</sup>

Fato é que, dois anos depois de seu retorno às competições, apesar de todo seu esforço e dedicação, uma fatalidade impediu que atingisse o que a matéria esperava para atestar sua “volta por cima”: a conquista de uma medalha olímpica.

#### **ESTIVE LÁ, MAS NÃO COMPETI**

A Seleção Brasileira feminina de ginástica artística foi recepcionada com uma grande surpresa nesta quarta-feira, em Londres, pouco depois de desembarcarem no Aeroporto de Heathrow. Na saída do local, ao invés do tradicional micro-ônibus, as meninas encontraram nada menos que duas limusines cor-de-rosa, carregadas com champanhe e equipadas com uma

<sup>31</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, 2009.

<sup>32</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 5.

<sup>33</sup> CORREA. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes, p. 1.

bandeira do Brasil, prontas para levá-las a Ipswich, onde a equipe fará a aclimação antes da Olimpíada de 2012.<sup>34</sup>

A glamourosa chegada das meninas do Brasil à cidade sede dos Jogos Olímpicos se deu depois de um extenso período de preparação em regime de seleção permanente na cidade de Curitiba. A conquista da vaga olímpica aconteceu no mês de janeiro, quando as ginastas alcançaram o quarto lugar no Evento Teste, realizado em Londres. Já no período de aclimação e treinamento, dois dias antes das competições iniciarem, Adrian sentiu fortes dores na região lombar. Depois de examinada pela equipe médica e de ter realizado exames de imagem, foi detectada lesão na vértebra L3, dando fim ao sonho de participar do maior evento esportivo do planeta e, quiçá, ganhar uma medalha inédita para seu país.

Na sua narrativa e de seus familiares, havia um ano que vinha sentindo dores na região lombar, desconforto que não havia sido investigado com profundidade e nem a impedia de treinar. Afinal, dores e lesões eram recorrentes em função das próprias exigências da modalidade. O diagnóstico, emitido no dia 27 de junho, marcou sua história, cujas lembranças reverberam em seus pensamentos a cada vez que aciona essas memórias:

Me desesperei muito. Perguntei se fosse qualquer outra menina da Seleção que tivesse se lesionado, se eles também não deixariam continuar na competição. Questionei o porquê de não poder competir sendo que eu tinha aguentado até lá. Minhas dores nas costas já vinham desde o início do ano. Perguntei várias vezes e só diziam que não dava. Comprometi-me a assinar um termo de responsabilidade e só falavam: “Não, pode ser pior quando tu estiveres lá saltando”. Porque na verdade eu estava travada, não conseguia puxar a perna, perdi a sensibilidade da perna esquerda. Falaram que nem assinando, nem fazendo nada, me desesperei mais ainda, chorei um mês.<sup>35</sup>

A desconfiança em relação à comissão técnica da seleção fica evidente na fala acima, e se dá em função dos conflitos que Adrian teve na primeira vez em que foi convocada para a seleção, no ano de 2005, sendo dispensada por indisciplina e sobrepeso. Seu marido, Lucas Barreto Neves, questiona o corte de Adrian:

---

<sup>34</sup> PAIVA; MIRANDA. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa, p. 1.

<sup>35</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 6.

Foi bem complicado porque foi uma surpresa para nós, porque eu acho que foi na época que ela estava melhor preparada fisicamente, mentalmente para ir, tanto que era considerada uma das melhores do Brasil para ir, e chegar lá. Acho que, pelo que eu me lembro, foi um dia ou dois dias antes da estreia, ser cortada e sofrer um boicote. Que para mim não passa disso. Foi um boicote que fizeram com ela na realidade. Porque se tu tá há um ano com dor nas costas e está treinando e tu te qualifica, um ano com dor nas costas, aí descobriram a lesão, dois dias, um dia antes.<sup>36</sup>

Em nota oficial, o Grêmio Náutico União assim se manifestou sobre o ocorrido:

[...] De acordo com contato do chefe-médico do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) José Padilha com o departamento médico do GNU, a atleta foi submetida a uma ressonância magnética e tomografia computadorizada da coluna lombar. O diagnóstico apontou lesão em uma das vértebras. Adrian deverá ficar em repouso e sem exercícios de impacto de seis a oito semanas, o que a tira da Olimpíada.

O médico do União, Ivan Pacheco, foi o intermediador das conversas com o médico da seleção brasileira e salienta que a lesão pode ter surgido de uma fratura por estresse, rechaçando a possibilidade da atleta ter viajado para o evento esportivo com essa lesão. “Acreditamos que tenha ocorrido uma fratura por estresse. Temos a informação que ela reclamou bastante do piso duro no local de treinamento da seleção, o que provavelmente fez desenvolver esta lesão. A Adrian realmente queixava-se de dores lombares, mas em todos os exames feitos - inclusive um há menos de dois meses - jamais apontaram qualquer problema em sua parte óssea. A última lesão da Adrian foi no joelho, no qual tivemos que fazer uma artroscopia em janeiro deste ano”, contextualiza e depois conclui: “a fratura por estresse pode não se manifestar em um primeiro momento, o que explica ela ter acentuado essa dor nos últimos dias”.

A coordenadora do departamento de ginástica artística e técnica de Adrian Gomes, Adriana Alves, que está presente na comissão brasileira para os Jogos, ressalta que a saúde da atleta deve ser priorizada no momento. “Claro que não esperávamos isso. É um trabalho que fazemos com ela desde quando era criança e entrou no clube. A Adrian estava no auge da forma física e técnica, tanto que iria competir em todas as provas da modalidade. Infelizmente foi uma fatalidade; o preço que se paga pela busca incessante da alta performance dos competidores é muito grande. A partir do momento que sua saúde fica em perigo, devemos priorizá-la, continuar trabalhando e contar com o suporte médico e psicológico em sua volta para Porto Alegre”, avalia Adriana.<sup>37</sup>

A suspeita de Adrian e de seus familiares resulta de seu histórico junto à seleção e também pelo fato de Jade Barbosa ter sido cortada da seleção dias antes da viagem para Londres sob a alegação de indisciplina,<sup>38</sup> o mesmo argumento que

---

<sup>36</sup> NEVES. Depoimento de Lucas Barreto Neves, p. 2.

<sup>37</sup> ZERO HORA. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada, s.p.

<sup>38</sup> GAZETA DO POVO. Jade Barbosa não se apresenta e é cortada da Olimpíada, s.p.

ocasionou o seu primeiro desligamento do grupo. O fato é que não ter disputado a prova acarretou vários prejuízos na trajetória da ginasta. Tão logo foi substituída, outras dores, além da física, se fizeram presentes. Simbólicas, mas não menos pungentes.

É a entrevista mais triste da minha vida. Desejo muita sorte para ela. Ela vai representar bem o Brasil. Não sei se vou ter coragem, se vou conseguir ver as competições. Acho que vou ficar chorando... Senti uma dor que nunca tinha sentido.<sup>39</sup>

Uma matéria publicada no site da ESPN informa que a atleta compareceu à entrevista coletiva de óculos escuros depois de tanto chorar. “Quando saiu da entrevista, a ginasta tentou voltar ao quarto para pegar as suas coisas, mas o crachá não passou pela catraca. Ela já estava oficialmente fora da competição, e precisou acionar o COB para resolver a situação”.<sup>40</sup>

Nesse momento, Adrian deixou de ser atleta olímpica e a dor que sentia, além de física, era também emocional. Nas suas palavras: “Eu pensei muito em desistir quando saí da Vila Olímpica. Achei que não teria forças para continuar, mas depois vi que dava, mas só depois que já estava aqui em Porto Alegre.”<sup>41</sup>

Adriana Alves, sua treinadora, a acompanhou nesse processo e, junto com ela, deixou a Vila Olímpica:

Quando chegou na véspera que foi o treinamento oficial que era quarenta e oito horas antes dos Jogos realmente da competição dela, ela machucou, porque ela tem uma hérnia de lombar e a hérnia travou de uma tal forma que ela acabou sendo retirada vinte e quatro horas antes do evento, mas aí nós estávamos lá com tudo, aí eu acabei só assistindo junto com ela. Ficamos no Cristal Palace que era o que estava reservado para a delegação.<sup>42</sup>

O fato de sua atleta não competir repercutiu também na sua identificação como treinadora. Quando perguntada sobre sua presença nos Jogos Olímpicos, responde: “Eu acabei indo, mas não entrei como treinadora exatamente”.<sup>43</sup> Ou seja, todo o período que antecedeu a prova foi jogado no esquecimento, como se ela e sua atleta não fizessem parte da memória olímpica brasileira.

---

<sup>39</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

<sup>40</sup> BYDLOWSKI. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olimpíada, s.p.

<sup>41</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 7.

<sup>42</sup> ALVES. Depoimento de Adriana Rita Alves II, p. 8-9.

<sup>43</sup> ALVES. Depoimento de Adriana Rita Alves II, p. 9.

A anulação da presença de Adrian Gomes se faz sentir em outras instâncias que registram memórias e histórias de atletas participantes dos Jogos Olímpicos. Seu nome não figura no rol de atletas olímpicos nominados na Confederação Brasileira de Ginástica e no Comitê Olímpico Brasileiro. Essa mesma ausência aparece na obra referencial *Atletas Olímpicos Brasileiros*, cujo critério de inclusão aponta para “todos os atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos desde a primeira participação brasileira em 1920”.<sup>44</sup>

Afora sua memória, há algo que para a ginasta materializa sua preparação, viagem e participação na equipe brasileira: a medalha de participação nos Jogos Olímpicos de Londres, que a exhibe com orgulho e satisfação.



Medalha de participação nos Jogos Olímpicos de Londres 2012.  
Fonte: Acervo de Adrian Gomes.

Ao guardar este objeto, entendido aqui como um “ativador da memória”,<sup>45</sup> Adrian reacende lembranças de um momento muito peculiar:

Por mais que tu tenha experiência em competições, tu nunca vai sentir a mesma sensação em todas. Então ter ido e não ter competido, essa experiência nem todo mundo passa, são poucas as pessoas que acabam indo até lá e não competem, tem que ter um psicológico muito forte.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> RUBIO. *Atletas Olímpicos Brasileiros*, p. 95.

<sup>45</sup> GOMES; BRAGHINI. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG, p. 86.

<sup>46</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 5.



Apesar de não ser sua primeira lesão grave, essa indubitavelmente foi a mais traumática. Em uma de suas entrevistas, relata que já rompeu o tendão de Aquiles, operou o ombro direito, tem hérnias de disco, artrose e várias fraturas, tais como no pé, no punho, no cotovelo e outras que até já esqueceu.<sup>47</sup> Sentir dor era parte de sua rotina e compõe a cultura da própria modalidade, conforme descreve Laurita Schiavon ao analisar a fala de ginastas participantes dos Jogos Olímpicos:

É importante notar que, independente de geração e da evolução da ciência e de apoio, as ginastas continuam convivendo com a dor e competindo ou treinando machucadas. Um fato relevante que deve ser considerado, principalmente pela maioria estar ainda em fases importantes de desenvolvimento. E, além disso, muitas vezes, lidam com isso com naturalidade, considerando como atitudes corretas, ou seja, faz parte do contexto em que foram formadas e isso dificulta o afastamento ou a luta contra esse tipo de situação, sendo possivelmente condição de continuar pertencendo à elite da modalidade.<sup>48</sup>

A história de Adrian não é isolada, ao contrário, reafirma essa realidade. Depois de relatar o quanto foi difícil seu retorno para Porto Alegre, fez questão de ressaltar que assim que se sentiu em condições, voltou aos treinamentos e às competições: “Depois que tive a lesão na coluna, foi chato, mas a recuperação foi muito rápida, nem esperava que fosse tão rápida. Logo em seguida, na primeira competição pós-lesão, fui Campeã Sul-Americana, então, foi bem importante”.<sup>49</sup>

Sua resiliência e determinação fizeram com que retomasse os campeonatos e, como grande parte das ginastas que conhecia, não sucumbiu: “eu via muitas pessoas se recuperando de lesão e voltando a treinar numa boa e tal, e eu pensava, se a pessoa pode, por que eu não posso também?”.<sup>50</sup>

Uma vez recuperada, em 2013, foi novamente convocada para a seleção brasileira pela qual disputou a Copa do Mundo de Ginástica, no Catar, finalizando a competição na 7ª colocação, sendo a única brasileira a se classificar para a final. Seu “segundo salto, uma reversão com mortal carpado, foi muito bem executado, mas o valor de dificuldade é bem baixo. Terminou a final sem medalhas”.<sup>51</sup> Ainda nesse ano,

<sup>47</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), 2018.

<sup>48</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, p. 265.

<sup>49</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 3.

<sup>50</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 10.

<sup>51</sup> GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha, s.p.

se destacou no Torneio Internacional de Ipswich, na Inglaterra, conquistando a medalha de prata no individual geral e, logo em seguida, a medalha de bronze na Copa do Mundo de Ginástica Artística que aconteceu em Portugal.

Apesar desses resultados, seu corpo já estava apresentando vários sinais de desgaste; sentia dores constantes e não tinha mais o mesmo ímpeto para enfrentar fraturas e lesões. Tinha dúvidas sobre os caminhos que poderia seguir na sua carreira de pós-atleta, se permaneceria ou não na ginástica:

Quero e não quero. Quero porque gosto de dar treino, corrigir as gurias. Às vezes estou no ginásio e vejo elas fazendo errado, vou lá e corrijo, seja as pequenininhas ou as grandes que treinam comigo. Mas vejo pelos meus treinadores, eles passam acho que umas doze horas dentro do ginásio e não tem tempo. Claro que eles viajam, conhecem. Só que já fiz isso como atleta, então não sei, ainda estou pensando se realmente quero ficar dentro do ginásio.<sup>52</sup>

Apesar desses sentimentos, em 2014, aos vinte e quatro anos de idade, Adrian abandonou de uma vez por todas a ginástica artística. Nas suas palavras:

Foi bem complicadinho para mim, porque eu não tive suporte do clube, tipo: “Adrian, não larga de uma vez, não. Fica vindo aqui um pouquinho”. Até me disseram isso, só que eu ia para o ginásio, para o clube e as pessoas ficavam me olhando com cara feia, porque eu pedi para parar de treinar. Daí eu resolvi não ir mais.<sup>53</sup>

Sua decisão repercutiu no meio esportivo. O presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, João Oliva, manifestou sua opinião ao saber da desistência de Adrian: “É uma perda. Isso é fato. Ela poderia muito bem ter encerrado a carreira e iniciar uma faculdade. Como profissional da área de Educação Física ela certamente seria uma excelente técnica”.<sup>54</sup>

Adrian, tentou esse caminho e por um ano frequentou a Licenciatura em Educação Física, mas não deu seguimento. Fez cursos na área de estética, trabalhou em uma cafeteria, ministrou algumas aulas de ginástica em um clube e de dança em uma academia. Entretanto, em 2015, um novo convite a fez voltar para o cenário do esporte de alto rendimento: competir pela seleção brasileira de esqui aéreo. Motivada

---

<sup>52</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 8-9.

<sup>53</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 11.

<sup>54</sup> OLIVA. Depoimento de João Carlos Oliva, p. 6.

pelo novo desafio, Adrian participou de treinos e de algumas competições, mas encerrou sua trajetória na modalidade em 2016 quando participava de treinamentos nos Estados Unidos. Durante essa temporada, sofreu um acidente, e sua família só teve conhecimento quando retornou ao Brasil. Relembra sua mãe:

Ela teve uma queda, bateu a cabeça, ficou em coma. Ela me contou: “Em vez de ter fama, dinheiro, eu vou ficar em casa, prefiro caminhar, trabalhar e ficar com vocês”. Nós já morávamos aqui, com escada de quarenta e oito degraus, tu imagina uma filha com problema de locomoção. Como é que nós íamos movê-la?<sup>55</sup>

Esse acontecimento selou definitivamente a carreira de Adrian no esporte competitivo:

Eu fui, mas comecei a sentir dor nas costas e a minha perna começou a falhar; numa dessas eu desci da rampa, a perna falhou e eu bati com a cabeça na ponta da rampa, desmaiei na água. Na verdade, depois que eu bati a cabeça eu não me lembro de mais nada. Eu estou te contando o que me disseram, que eu desmaiei na água e aí fui para a ambulância, e eu acordei e só falaram que eu dizia que a minha cabeça estava doendo. Daí eu começo a lembrar no hospital, quando eles me tiram da maca para botar na outra maca. Só. Eu fiz exames e eu nem lembro de nada e fiquei quinze dias sem poder ver a luz do sol. Guria, a minha cabeça doía enlouquecidamente. Eu tive uma concussão cerebral e um traumatismo craniano. E nesses quinze dias, a gente estava quarenta dias nos Estados Unidos treinando e eu fiquei quinze sem fazer nada. E a gente voltou. Daí quando a gente foi de novo para os Estados Unidos, eu contei para a minha mãe o que aconteceu. Deixei para contar quando eu voltei porque tu sabe como é o susto: a minha mãe infarta aqui e eu lá. E eu disse para a minha mãe: aconteceu isso e isso e ela não queria que eu voltasse mais. Eu disse: “Não, não mãe, vou tentar”. Tentei, mas eu não sei, acho que o psicológico afetou o corpo porque eu não conseguia mais descer a rampa. Guria, eu me mijava inteira. Eu dizia para o meu treinador: “Eu não vou conseguir, eu não consigo”. Eu tremia inteira, dos pés à cabeça.<sup>56</sup>

Diante dessa decisão, o sonho de lutar por uma medalha olímpica, na ginástica ou no esqui aéreo, desapareceu de seu horizonte.

---

<sup>55</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 12.

<sup>56</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 11.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2013, na primeira entrevista que nos concedeu, Adrian fez questão de enfatizar que, apesar do ocorrido em Londres, mantinha o desejo de competir nos Jogos Olímpicos.

Eu quero muito ir para 2016, só que não sei se o meu corpo vai permitir. Minhas costas ainda doem, tenho mais problemas do que em 2012. Então não sei se vou chegar até lá, em função do meu corpo, não do meu psicológico ou não do meu querer. Mas estou treinando para isso.<sup>57</sup>

Vivenciar uma edição dos Jogos Olímpicos, além de representar o triunfo de quem se dedica ao esporte de alto rendimento, permite experienciar situações que estão muito além da competição em si. Ao rememorar sua participação neste megaevento, atletas e treinadores do Rio Grande do Sul salientaram que o ambiente partilhado na Vila Olímpica é inesquecível: “a convivência com ídolos do esporte de várias nacionalidades, a estrutura das competições, a segurança, a torcida, a mídia e as lembranças que essa participação gerou”.<sup>58</sup> Essa presença, mesmo que não coroada com a conquista de uma medalha, lhes confere a noção de pertencimento, *status* e distinção social.

Ao ser cortada da seleção às vésperas de exhibir seu talento ao mundo, Adrian foi posicionada nas sombras da história olímpica brasileira e, diante dessa constatação, viveu um segundo luto. Refutar esse apagamento é reconhecer que a impossibilidade de competir não pode ofuscar seu brilho nem mesmo anular sua identidade como atleta olímpica. Em suas entrevistas, Adrian descreveu o longo e árduo caminho que percorreu para chegar e permanecer na seleção brasileira. Ao falar sobre seus sentimentos, expectativas, conquistas e frustrações, expôs como percebeu cada experiência vivida, produzindo, assim a sua própria narrativa. Tal perspectiva foi privilegiada neste texto, pois entendemos que sua voz precisa ser ouvida, visto que narrar é contar o vivido, é “colocá-lo em uma temporalidade e, assim, humanizar o tempo, alinhar os personagens, tecer uma intriga; é, ainda, transgredir o discurso oficial em busca da criação; é, sobretudo, aliar o tempo vivido ao tempo ficcionado”.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 8.

<sup>58</sup> MACEDO; BERNARDI. Mais que um sonho, p. 129.

<sup>59</sup> COSTA. A escuta do outro: dilemas da interpretação, p. 49.

As palavras de Adrian e as lembranças que evoca registram fragmentos de uma vida atravessada pelo esporte de competição, cujas marcas se fazem ver em seu corpo e em sua subjetividade. Reconhecida ou não pelos discursos oficiais do esporte brasileiro, importa registrar que sua história é extremamente significativa, inclusive para desconstruir a representação de que “participar dos Jogos Olímpicos, vivenciá-los de perto e por dentro parece não ser o suficiente. Há que competir e, preferencialmente, ganhar!”.<sup>60</sup>

Adrian competiu, ganhou e conquistou uma vaga para participar do maior evento esportivo do planeta. O fato de não ser lembrada como atleta olímpica revela algo que está além do campo esportivo: o aniquilamento ao qual são sujeitas as pessoas que não ascendem àquilo que é culturalmente representado como sinônimo de vitória e de sucesso.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.
- ALMEIDA, Paula. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção. **UOL Esporte**, 16 ago. 2010.
- ALVES, Adriana Rita. **Depoimento de Adriana Rita Alves II**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4fsfh7e>.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BENDER, Natália. **A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

---

<sup>60</sup> BENDER; GOELLNER. A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos jogos olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias, p. 18.

BENDER, Natália; GOELLNER, Silvana Vilodre. A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos jogos olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias. **Motrivivência**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-22, 2019.

BERGUE, Lisiane Lewis Xerxenevsky. **Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9GCH6>.

BYDLOWSKI, Mendel. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olimpíada. **ESPN**, 26 jul. 2012.

CORREA, Carlos. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 22 set. 2010.

COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, 2014.

ESPN. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir Olimpíada. **ESPN**, 26 jul. 2012.

GAZETA DO POVO. Jade Barbosa não se apresenta e é cortada da Olimpíada. **Gazeta do Povo**, 27 jun. 2012.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3AUby3d>.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Z9jozg>.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3OeLrHA>.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG. In: LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson. (Org.). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2013.

GOMES, Vera Lúcia Nunes. **Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3YSXpvd>.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Ginasta unionista é selecionada para a Seleção Brasileira de Ginástica Olímpica. **Portal Grêmio Náutico União**, 4 fev. 2005.

GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha – 1º dia de finais. **Gym Blog Brasil**, 28 mar. 2013.

MACEDO, Christiane Garcia; BERNARDI, Gustavo Henrique Ribas. Mais que um sonho. In: MACEDO, Christiane Garcia; Goellner, Silvana Vilodre. (Org.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias**. Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Universidade Católica de Brasília, Brasília, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MEIRELES, Olívia. Conheça a emocionante história de Rebeca Andrade. **Metrópoles**, São Paulo, 23 ago. 2021. Disponível em <https://bit.ly/3YN7oSO>. Acesso em: 4 fev. 2024.

MELO, Victor Andrade de. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica. **Movimento**, ano III, v. 1, n. 4, 1996.

NEVES, Lucas Barreto. **Depoimento de Lucas Barreto Neves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3YWbAj0>.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012.

OLIVA, João Carlos. **Depoimento de João Carlos Oliva**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4hVs6ZI>.

PAIVA, Celso; MIRANDA, Leandro. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa. **Portal Terra**, 11 jul. 2012.

PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

RUBIO, Katia. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Editora Laços, 2016.

RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STRINGHINI, Sérgio. **Depoimento de Sérgio Stringhini**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4exyEun>.

ZERO HORA. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada. **ZH Esportes**. **Zero Hora**, 26 jul. 2012.

\* \* \*

Recebido em: 24 fev. 2024.  
Aprovado em: 25 set. 2024.